

SIGNIFICAÇÕES DO SUICÍDIO NA OBRA “OS SOFRIMENTOS DO JOVEM WERTHER”, DE GOETHE

Evelin Piazzoli ¹

Resumo: A obra *Os Sofrimentos do Jovem Werther*, primeiro romance de Goethe, publicado na Alemanha em 1774, lançou as bases definitivas do sentimentalismo romântico e do escapismo. Em tom confessional, as constantes idealizações do amor e da mulher amada realçam esse romance, além do escapismo pelo suicídio, considerado a maior de todas as fugas românticas, aquela para a qual não se tem volta. Isso posto, esta pesquisa pretende verificar e eventualmente responder à questão: é possível perceber na obra, por meio do encapsulamento da personagem, o desprendimento da vida carnal até o ápice do suicídio como representação de um processo de desfazimento do “eu” tão característico da modernidade? Para tanto, além das teorias que regem a concepção da subjetividade e do escapismo românticos, foi abordado também o suicídio em sua vertente psicanalítica, a fim de sondar como o personagem sinalizou suas intenções no decorrer da obra.

Palavras-chave: Werther. Escapismo. Herói. Romantismo. Suicídio.

SYMBOLISM OF SUICIDE IN “THE SORROWS OF YOUNG WERTHER”, BY GOETHE

Abstract: The book *The Sorrows of Young Werther*, first novel by Goethe, published in Germany in 1774, laid the definitive foundations of romantic and escapist sentimentality. In confessional tone, constant idealizations of love and beloved wife enhance this novel, besides the escapism by suicide, considered the greatest of all romantic getaways, and the one that there is no return. That said, this research aims to verify and eventually answer the question: is it possible to see in the literary work, through encapsulation of the character, the release of carnal life until the apex of suicide as a representation of a process of undoing "self" so characteristic of modernity? Therefore, besides the theories that rule the conception of subjectivity and romantic escapism, it was also discussed the suicide in his psychoanalytic strand in order to probe how the character signaled his intentions during the literary work.

Key-words: Werther. Escapist. Hero. Romanticism. Suicide.

¹ Mestranda na linha de pesquisa Subjetividade, Memória e História no Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: evelinpiazzoli@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

“Se te queres matar, por que não te queres matar?
Ah! Aproveita! que eu, que tanto amo a morte e
[a vida,
se ousasse matar-me, também me mataria...
Ah, se ousares, ousa!
(...)
Encara-te a frio e encara a frio o que somos...
Se queres matar-te, mata-te...
Não tenhas escrúpulos morais, receios de inteligência!...
Que escrúpulos ou receios tem a mecânica da vida?
Que escrúpulos químicos tem o impulso que gera
[as seivas e a circulação do sangue, e o amor?
Que memória dos outros tem o ritmo alegre da vida?
Ah, pobre vaidade de carne e osso chamada homem.
Não vês que não tens importância absolutamente
[nenhuma?”
Álvaro de Campos, pseudónimo de Fernando Pessoa.

O romance *Os Sofrimentos do Jovem Werther*, de Johann Wolfgang Goethe, foi publicado na Europa em 1774 e causou um grande impacto entre os jovens da época, sendo considerado o marco inicial do romantismo. Trata-se de uma das primeiras obras do autor, de tom autobiográfico - ainda que Goethe tenha cuidado para que nomes e lugares fossem trocados e, naturalmente, algumas partes fictícias acrescentadas, como o final.

Neste livro, o suposto jovem Werther envia por um longo período cartas ao narrador que, no próprio livro, por meio de notas de rodapé, afirma que nomes e lugares foram trocados. O romance é escrito em primeira pessoa e possui poucas personagens, num estilo completamente adverso a Fausto², mas não de qualidade menor.

A história de Werther retrata a paixão exacerbada e infeliz que culmina com o suicídio do herói. A obra caracteriza bem o espírito romântico: o amor incondicional, idealizado, o escapismo. A história é contada através de cartas endereçadas ao amigo Wilhelm, em que Werther descreve seu amor por Charlotte, mulher

² Peça de teatro em forma de poema trágico publicada em 1808 e considerada obra-prima alemã.

comprometida com o antagonista Albert, com quem viria a se casar, para desespero do herói.

O protagonista não é apenas o amante infeliz, mas também o cidadão cujo espírito se debate com a opressão imposta pelos valores e regras rígidas e injustas que determinam o modo de vida de seu grupo social. Com sua carga de sentimentalismo, o embate interior com a vida social e seu olhar amoroso para a vida popular, o herói perpassou todos os temas que marcaram sua época, expondo sua dor como a “dor do mundo”, tão característica do Romantismo.

O presente artigo, além de perpassar os caminhos da constituição do herói romântico e introduzir o suicídio da Antiga Grécia à modernidade, trará uma análise da obra tendo como teoria basilar os artigos “Luto e melancolia” e “Sobre o narcisismo: uma introdução” de Freud, por meio dos quais tentaremos revelar as significações do que levou o jovem Werther ao suicídio.

2. A CONSTITUIÇÃO DO HERÓI ROMÂNTICO

O termo “herói” surgiu no Latim *heroe*, que para os gregos designa um semideus, ou seja, homem mortal possuidor de um poder divino. Os povos primitivos destacavam determinados indivíduos pelos seus atos de valentia, assim os gregos os nomearam de heróis. Essa expressão circula entre a humanidade desde que propagavam-se lendas de forma oral, tendo características de origem nobre tais como coragem, honra e justiça.

O poeta Homero foi quem consagrou o herói épico, sendo este destemido e portador de grandes valores, foi também o primeiro a atingir a literatura. Com o passar do tempo, houve a necessidade de associar esse herói às pessoas, tornando-o mais humano, causando uma aproximação com o homem comum. Assim afirma Kothe (1985, p. 14) que: “à medida que o herói épico decai em sua ‘epicidade’, ele tende a crescer em sua ‘humanidade’ e nas simpatias do leitor/expectador”.

Isso posto, nessa pesquisa, emerge como herói um jovem que gradativamente se encapsula em seu sofrimento e é justamente essa “coita d’amor” bem ao estilo medieval o que o humaniza tanto. Nesse sentido, Maciel (1998, p. 81)

ressalta que para ser “legitimado como herói, é necessário uma ação cuja sentido é considerado excepcional, implicando um sacrifício”, essa ação pode ser voltada contra a sociedade ou contra si e o sacrifício é visto como a única forma de salvação. No caso de Werther, o suicídio figura como um fim inevitável e, ao mesmo tempo, como uma prova de que não é possível viver sem o amor de Charlotte.

No século XIX, por meio de uma literatura fortemente subjetiva e de paixão exacerbada, manifesta-se o Romantismo com sua grande carga sentimental. O herói romântico surge como o indivíduo que irá lutar contra todos os preconceitos impostos pela sociedade, a fim de ficar ao lado da sua amada.

Em *Os Sofrimentos do Jovem Werther* (2010), ao contar a história do amor impossível do rapaz pela Charlotte, Goethe enaltece a fatalidade do sentimento amor-paixão e sublima aquele que sucumbe à sua força, no caso, Werther. Aliás, ao contar sua história em tom confessional por meio de cartas escritas ao amigo Wilhelm, Werther é subjugado por esse sentimento supervalorizado pelos românticos, e assim, é elevado à categoria do herói romântico. Embora não lute contra monstros e dragões, como o herói da Antiguidade, faz algo considerado pela vertente ultrarromântica o ápice da entrega amorosa: tira a própria vida, uma vez não podendo consumir sua paixão por Lotte.

O herói romântico, (2009. p. 451) “figura pertencente ao imaginário do homem moderno e que perpassa toda a história do ocidente a partir do séc. XII”, busca extravasar seus sentimentos, representando aquilo que faz parte do imaginário e da realidade de seu tempo, sensibilidades que se mesclam a elementos de sua época, de seu contexto social e de seu imaginário.

Em *O romance de Tristão e Isolda* (2009. p. 451) “[...] Tristão, além de ser herói no modelo antigo por matar dragões e gigantes, torna-se herói romântico quando supera os obstáculos para viver o seu amor”. No caso de Werther, não ocorre a realização amorosa, o que faz do percurso do herói ainda mais tortuoso. Existe sim a purificação, porém ela se mostra por meio de um processo de mergulho na melancolia, em uma perda irreparável do objeto de amor, que faz com que a personagem não tenha escapatória. Ele não pode fugir ao seu destino e o mesmo está marcado.

3. O SUICÍDIO

Sendo o suicídio um ato marcante dentro da obra *Os Sofrimentos do Jovem Werther* (2010), e sendo esse o objeto maior de análise desse estudo, é de grande importância conceituá-lo. De acordo com Kalina e Kavadloff (1983), temos uma significação etimológica para o termo “suicídio” que, em Latim, é traduzido para *occido-cidi-cisum* significando: cortar, ferir ou matar. O suicídio é, então, um ato de autodestruição, consciente ou inconsciente e voluntário, ou seja, é matar a si mesmo, tanto pela autodestruição ou exposições em situações de risco perigosas.

A intenção de tirar a própria vida pode acontecer tanto por fatores internos como externos, algumas pessoas mais fragilizadas ou intensas podem não suportar alguns desafios e pressões, coisas que outros mais fortalecidos internamente teriam maiores condições de enfrentar. Para Durkheim (2000), as características do suicídio surgem através da sociedade e resulta num ato individual, é complexo e um ato desesperado de alguém que não quer mais viver e renuncia à sua própria existência.

Segundo Kalina e Kavadloff (1983), na Grécia antiga o indivíduo não podia cometer o suicídio sem o consentimento da comunidade em que vivia, precisava justificar as razões que o levavam a crer que somente o suicídio seria capaz de exterminar os seus problemas, sendo considerado um ato ilegal caso fosse realizado antes da decisão de todos, tirando de suas mãos o poder da própria vida. As decisões sobre o curso da existência de cada membro da comunidade era responsabilidade do estado, não somente autorizando os atos suicidas, mas também impedindo ou induzindo:

O homem que cometesse suicídio sem obter autorização, agia em consonância com outras disposições que não são as do estado. Estes poderes paralelos que governam a vida do suicida, projetam e consomem sua morte não deviam, há dois mil e quinhentos anos atrás, ser entendidos de outra maneira que não conduta bárbara, ou seja, alheia e estranha aos costumes da Grécia. (KALINA; KAVADLOFF, 1983, p. 48)

A maioria das religiões da antiguidade ocidental prometiam diversos deleites ao mais velhos que cometessem o suicídio, chegando a condenar os que não o

faziam e preferiam esperar a morte. Kalina e Kavadloff (1983) ainda comentam haver uma estimulação por parte religiosa, sendo para estes uma “morte grave” aquela de forma passiva gerada pela enfermidade ou velhice. As pessoas não eram independentes e, com o poder que possuía a comunidade, o suicídio chegou a tornar-se um dever.

Durante a idade Média o suicídio continuou sendo condenado na Grécia e em Roma quando feito de forma clandestina. As diferenças entre suicídio legal e ilegal cessaram somente durante a Europa cristã, quando passou a ser visto como atentado contra o outro (Deus); ele deu a vida e somente ele poderá tirá-la. Algum tempo depois, os cadáveres dos suicidas eram castigados para causar medo e terror aos que pensavam em repetir o ato, podendo ser arrastado pelas ruas e, quando homem, carregado nu e pendurado, ou quando mulher, queimado em local público.

Antes da modernidade, a sociedade “possuía” a vida e a morte de um indivíduo, era de interesse público a vida de um membro que, de certo modo, colaborava para o sustento da comunidade em que vivia. Durante o século X, na Inglaterra, segundo Kalina e Kovadloff (1983), quem cometesse o suicídio era considerado ladrão ou assassino, pois o ato interferia na ordem socioeconômica do seu senhor feudal. Com um tempo, a existência tornou-se mais isolada fazendo com que o suicídio não representasse mais um prejuízo social, ou seja, o sujeito aprendeu a lidar com o seu sofrimento de forma solitária. A partir do momento em que o estado, a igreja e a comunidade deixaram de influenciar, o indivíduo passou a apresentar maior autonomia, e junto com a revolução francesa, extinguiram-se as medidas que reprimiam o ato suicida.

A integridade física e emocional dos membros de uma comunidade antiga era motivo de preocupação coletiva, pois quando atentava contra si, afetada um todo e este deveria puni-lo tornando o ato suicida, uma atitude marginal. Durkheim (2000), através de suas pesquisas, correlacionou o indivíduo e o contexto sócio-histórico da vida comunitária, tornando o suicídio e contexto social um campo de grande importância para a sociologia. O tema havia se tornado um sintoma social após a segunda guerra mundial e agora o que se percebia era uma conduta geral que culminava em um procedimento individual, ou seja, o suicídio era cometido não

somente porque sua própria existência tornou-se insuportável, mas porque também viver em determinado contexto social era inaceitável.

Vivemos em uma época propícia para autodestruição, com vícios, riscos e diversos fatores que fazem o suicídio perder sua característica insólita. Para um suicida, ao que tudo indica, a decisão de dar fim a própria vida é somente sua, partindo da suposição que algum impulso o faz acreditar que continuar a viver será mais doloroso que a morte. Para que haja a conclusão do ato, é necessário que um determinado acontecimento inspire e influencie em sua decisão.

4. O SUICÍDIO EM WERTHER: UM ATO EGOÍSTA?

A vida que levava Johann Gottfried Herder inspirou o surgimento do movimento *Sturm und Drang*, colocando a característica de “gênio” naquele que vivia livremente. Em 17 de maio de 1769, Herder despede-se da comunidade onde morava disposto a conhecer o mundo por outro ponto de vista, transformando a viagem, principalmente, em um momento para autodescobrir-se. Ele buscava criar algo novo, que unisse tudo que acreditava fazendo com que a linguagem se adaptasse aos mistérios da vida. Herder acaba por conhecer o jovem Goethe em uma hospedaria, nascendo nesse momento uma relação de mentor e aprendiz, que precisou aprender a lidar com tamanho sarcasmo e condenação.

A obra *Os sofrimentos do jovem Werther* (2010) é uma das primeiras grandes manifestações do movimento pré-romântico alemão *Sturm und Drang* (Tempestade e Ímpeto) ocorrido entre 1767 e 1785 com suas marcas fortemente individualistas, subjetivas e emocionais, sendo estes traços fundamentais do movimento. Os jovens intelectuais participantes do *Sturm und Drang* estimavam a liberdade e determinação do indivíduo, mas iam contra as vertentes determinadas pela razão pregada pelo Iluminismo do século XVIII, dando preferência aos sentimentos e emoções. A maioria das características do *Sturm und Drang* migrou para o romantismo, que foi desenvolvido principalmente na Alemanha, além da França e Inglaterra. Surgiu no século XVIII até meados do XIX, rompendo com os padrões clássicos comuns na época. O que se encontra em *Os sofrimentos do jovem Werther* (2010) é um homem apaixonado por uma mulher que pertence a outro, o que o torna introspectivo e

infeliz no decorrer da obra, ou seja, encapsulando-se em sua dor, escolhendo entregar-se a essa intensa paixão e, por conseguinte, às suas duras consequências.

Em uma das cartas enviadas a Wilhelm, Werther conta que conheceu uma pessoa encantadora que tocou o seu coração. Desde o primeiro momento que pôs os olhos em Lotte, faltam-lhe palavras para explicar tal situação: “Um anjo! Ora! Todos dizem o mesmo da amada, não é verdade? E, contudo, não estou em condições de dizer-lhe como é perfeita, porque é perfeita: em resumo, cativou-me todo o ser.” (GOETHE, 2010, p. 27) Nesse momento, o que se tem é o que Freud (1996) colocou como escolha objetual feita pelo indivíduo – ser de libido – que acarretará em uma ligação, mesmo que inconsciente, com o objeto externo. O que Werther sente por Lotte é genuíno, inocente e intenso:

Ah! Como ardo e estremeço quando, por acaso, meu dedo toca no dela, quando nossos pés se encontram sob a mesa! Esquivo-me deles como se fossem fogo, e de novo me atrai uma secreta força... Uma vertigem apodera-se de todos os meus sentidos. E sua inocência, sua alma pura, não percebe quanto essas pequenas familiaridades me fazem sofrer. Se, quando conversamos, pousa a mão sobre a minha e se, no calor da discussão, aproxima-se de mim a ponto de seu divino hálito chegar até meus lábios... sinto-me desfalecer, como se atingido por um raio... Ah! Wilhelm, este céu, esta confiança, eu nunca ousaria... Não, meu coração não é devasso. É apenas fraco, fraco! Muito fraco!... E não será isso uma devassidão? (GOETHE, 2010. p. 51.)

É possível perceber, no trecho em que Werther relata a Wilhelm uma das noites em que encontra Lotte, uma emoção e sentimento abundantes pelo simples fato de seus pés ou mãos se tocarem, pelo hálito que toca os lábios dele e o faz enfraquecer. O romance, além de trazer traços individualistas, subjetivos e emocionais, trouxe também o irracional:

Muitas vezes já decidi não vê-la tão continuamente! Mas como posso cumprir tal promessa? Todos os dias cedo à tentação, e digo solenemente: ‘Amanhã não vou visita-la’, e quando chega o dia seguinte, encontro um novo e irresistível motivo, e, antes mesmo de poder raciocinar, já estou em sua casa. (GOETHE, 2010. p. 55)

Note-se a agonia de Werther e a ânsia por ver Lotte novamente, todos os dias, impedindo-o que raciocine, acabando por se deixar levar pelos sentimentos.

Lejarraga (2002 apud SOARES, 1997) cita o que Rousseau colocou como existência do amor e o amor-paixão; o primeiro é único, insubstituível, a razão do viver, já o amor-paixão é infeliz, irrealizável podendo levar à morte.

Apesar de tanta paixão, é inegável o fato de que Charlotte está noiva de Albert, que por um determinado tempo estava viajando a trabalho e retorna para casa: “Seja como for, a alegria que eu saboreava ao lado de Lotte desapareceu. Será isso loucura? Cegueira? O nome não interessa, pois o que conta é o fato em si. Tudo o que agora sei, já o sabia antes da chegada de Albert” (GOETHE, 2010. p. 56). O retorno do noivo atordoia o jovem Werther, significando o rompimento entre o indivíduo e o seu objeto amoroso, assim se configura a perda. Agora tudo irá depender da reação do indivíduo diante da ausência do objeto de amor, ou de sua não realização, podendo gerar as possibilidades de luto ou melancolia:

Não é difícil reconstruir esse processo. Existem, num dado momento, uma escolha objetual, uma ligação da libido a uma pessoa particular; então, devido a uma real desconsideração ou desapontamento proveniente da pessoa amada, a relação objetual foi destruída. (FREUD, 1996. p. 254)

Com a chegada de Albert, o jovem Werther questiona-se várias vezes sobre os sentimentos do noivo relacionado ao amigo de Lotte, como o ciúme, colocando-se em seu lugar: “Não me importa saber se ele alguma vez já se atormentou com um pouco de ciúme: confesso que, em seu lugar, esse demônio me deixaria louco.” (GOETHE, 2010. p. 56). Apesar da volta do noivo, Werther anseia em encontrar Lotte sozinha, esperando Albert ocupar-se de alguma forma, vendo como inevitável as visitas à amada, continua a lhe acompanhar em seus passeios ou em seus próprios delírios e pensamentos:

A verdade é que nossa felicidade depende apenas de nosso coração. Ser acolhido no seio da mais amável família; ser considerado como um filho pelo velho pai, como um pai pelas crianças, e por Lotte! E Albert, então, homem digno, que nunca perturba minha felicidade com algum comportamento escuso, que me dedica uma amizade sincera e para quem sou, depois de Lotte, o que ele tem de mais caro no mundo! (GOETHE, 2010. p. 58-59)

Admira Albert, guarda a sua amizade, mas a paixão pela Lotte consome a sua vida aos poucos. Complementando, são citadas duas causas que podem trazer o processo de escolha objetal à tona (FREUD, 1996. p. 255): a primeira é o forte apego ao objeto amado ter sido muito presente e a segunda é a ausência de resistência da catexia³ objetal.

Compreendendo melhor como ocorre uma das formas de perda, entendemos por luto:

O luto, de modo geral, é a reação à perda de um ente querido, [...] Em algumas pessoas, as mesmas influências produzem melancolia em vez de luto; por conseguinte, suspeitamos de que essas pessoas possuem uma disposição patológica. [...] embora o luto envolva graves afastamentos daquilo que constitui a atitude normal para com a vida, jamais nos ocorre considera-lo como sendo uma condição patológica e submetê-lo a tratamento médico. Confiamos em que seja superado após certo lapso de tempo, e julgamos inútil ou mesmo prejudicial qualquer interferência em relação a ele. (FREUD, 1996. p. 249.)

O luto é a reação à perda de alguém ou algo que amamos, resultando num estado aflitivo e no desinteresse pelo mundo externo, havendo um abandono de tudo que está ligado de alguma forma ao ser perdido. Porém, tende a ser superado após um determinado tempo, “[...] o fato é que, quando o trabalho do luto se conclui, o ego fica outra vez livre e desinibido.” (FREUD, 1996. p. 251). Nesse sentido, é possível encontrar o estado de luto em Werther, que implica em um forte despreendimento do mundo externo:

Wilhelm, sei que é assim e não reclamo: as coisas belas da vida são como flores feitas de ilusão. Quantas murcham sem deixar o menor vestígio! Quão poucas frutificam e quão pouco desses frutos amadurecem! E, no entanto, há muitos deles por aí... Oh, meu irmão... podemos negligenciar os frutos maduros, desprezá-los e, sem apreciar seus sabores, abandoná-los à podridão? (GOETHE, 2010. p. 71)

A melancolia, por sua vez, também resulta num estado aflitivo e desinteresse pelo mundo externo, sendo sua causa a perda de alguém que amamos, porém, de

³ Concentração ou investimento da energia psíquica num dado objeto.

forma mais ideal, ou seja, o objeto não morreu, mas foi perdido enquanto objeto de amor:

Os traços mentais distintivos da melancolia são um desânimo profundamente penoso, a cessação de interesse pelo mundo externo, a perda da capacidade de amar, a inibição de toda e qualquer atividade, e uma diminuição dos sentimentos de auto-estima a ponto de encontrar expressão em auto-recriminação e auto-envilecimento, culminando numa expectativa delirante de punição. (FREUD, 1996, p. 250).

Ao contrário do luto, na melancolia encontramos um sujeito no qual tem a perda objetal retirada da consciência, assim não podemos ver o que está o absorvendo e pactuando para exacerbada autocrítica e baixa autoestima. Porém, no livro conseguimos perceber ao decorrer da história o que de fato aconteceu para que Werther sucumbisse à melancolia, uma vez a perda existia apenas em sua consciência. Apresenta-se para os outros como um ser fraco, dependente e desprezível, menosprezando o seu ego:

Infeliz! Você está doido? Iludindo a si mesmo? Que espera dessa paixão desenfreada e sem limites? Só por ela faço agora minhas preces; em minha imaginação não há outra imagem senão a dela, e tudo o que me cerca só adquire sentido quando relacionado a ela. [...] Quando fico sentado ao lado dela, durante duas ou três horas, deliciando-me com sua presença, seus gestos, a expressão celestial de suas palavras, pouco a pouco todos os meus sentidos se comprimem, uma sombra escurece-me a vista, mal consigo ouvir, e tenho a impressão de que algo me aperta a garganta, como se fosse a mão de um assassino; depois meu coração, em seu pulsar precipitado, procura atenuar meus sentidos oprimidos, mas apenas faz aumentar-lhe a perturbação... [...] Para terminar esse sofrimento, só vejo um caminho: o túmulo.(GOETHE, 2010. p. 71-72)

Quanto a isso, Freud (1996) enfatiza que “no luto, é o mundo que se torna pobre e vazio; na melancolia, é o próprio ego” (FREUD, 1996, p. 251). Em *Os sofrimentos do jovem Werther* (2010), o protagonista não possui Charlotte, que está noiva e deixa isso exposto para Werther desde o primeiro encontro, mas a moça foi escolhida como objeto de amor e é perdida de forma ideal - pois nunca a possuiu de verdade - no momento em que Albert retorna, contando a Wilhelm, seu confidente, o quanto o noivo é honrado e merece respeito. Atordoado, o jovem Werther decide partir a serviço do embaixador, sem ao menos contar à Lotte sobre a sua partida. No

momento em que encontra-se no novo vilarejo, percebemos outra característica do movimento *Sturm und Drang*, que se configura como a revolta contra a sociedade, podendo também ser relacionado à sociologia e aos estudos de Durkheim (2000), que designa como suicida egoísta aquele que é ligado à sociedade de forma tênue, ou seja, não se importa com as consequências que o suicídio pode trazer para o grupo do qual faz parte. Há ausência emocional com os outros, deixando a sua vida extremamente aut centrada. Ele apoia-se somente em suas próprias forças e, devido à sua individualidade, não consegue recorrer aos outros para fugir de sua crise, o que também é possível encontrar na obra, quando Werther se isola na tentativa de esquecer a amada: “[...] o tédio que reina entre a gente estúpida que se vê por aqui! E a mania da posição social: espiam-se mutuamente, apenas para encontrar uma oportunidade de passar a perna um no outro.” (GOETHE, 2010. p. 81)

Logo rende-se ao desejo de ter algum contato com Lotte e a envia a primeira carta desde que partiu e, através da troca de correspondências, descobre que Albert e Charlotte casaram-se. Não muito tempo depois, decide retornar para próximo da amada, a angústia agora cresce e a dor cava um buraco fundo no peito de Werther:

Sofro como um fantasma que, voltando ao castelo por ele construído em sua vida anterior, quando era um príncipe influente e próspero, encontra-o completamente destruído pelo fogo – esse mesmo castelo magnífico que havia deixado como herança ao filho bem-amado. (GOETHE, 2010. p. 102)

Perdido em imaginação e solidão, no trecho a seguir, nota-se como Werther pensava verdadeiramente possuir Lotte e, por conseguinte, sofre demais ao acreditar perde-la:

Deus sabe quantas vezes vou deitar-me com o desejo, com a esperança, de não mais despertar. E pela manhã, quando abro os olhos e revejo a luz do sol, sinto-me infeliz. [...] A verdadeira fonte de toda a minha desgraça está oculta em meu peito, a mesma fonte que outrora produzia toda a minha felicidade. [...] esse coração está morto; dele já não brota nenhum entusiasmo; meus olhos estão secos e, como meus sentidos não têm mais o alívio das lágrimas refrescantes, tenho a face contraída pela angústia. Sofro muito, pois perdi aquilo que era a única alegria de minha vida, a força sagrada, vivificante, com a qual criava mundos em torno de mim: hoje ela já

não existe! [...] Muitas vezes ajoelho-me e peço a Deus que me restitua as lágrimas, como um lavrador pede que chova, tendo sobre si o céu soturno em a seu redor, a terra seca, improdutiva. (GOETHE, 2010. p. 113)

Diante da situação de Werther, envolvendo o luto e a melancolia, Freud explica que no sujeito, uma parte do seu ego volta-se contra a outra, gerando todo o julgamento crítico mencionado e tomando agora a si próprio como objeto. Ou seja, em um dado momento do processo de luto, existe a escolha objetal, quando a libido é ligada a um indivíduo específico; por conseguinte, há uma quebra dessa ligação devido a alguma frustração e, ao invés da retirada da libido desse objeto ser movida para um novo, ela é deslocada para o ego, que agora será julgado como se fosse o objeto abandonado:

(...) E por que deveria envergonhar-me, no terrível momento em que todo o meu ser oscila entre a vida e a morte, quando o passado ressurge como um relâmpago iluminando o abismo sombrio do futuro, e tudo desmorona em torno de mim, e o mundo inteiro parece se extinguir? Não é esta a voz de uma criatura angustiada, já sem forças, a quem uma atração irresistível arrasta para o precipício e, em um último esforço, grita: “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonou?”. (GOETHE, 2010, 115-116)

A esse desvio do foco de sofrimento para o próprio ego, Freud chamou de narcisismo. Para ele, adoecer de melancolia consiste no tipo narcisista de escolha objetal, citado por Freud (1996) como narcisismo secundário, que é o retorno dos investimentos aos objetos externos diretamente para o eu, ou seja, Werther direciona o ódio para si:

Atribuímos ao indivíduo um progresso quando passa do narcisismo ao amor objetal. Mas não acreditamos que toda a libido do eu passe para os objetos. Determinada quantidade de libido permanece sempre junto ao eu, certa medida de narcisismo persiste mesmo quando o amor objetal é altamente desenvolvido. O eu é um grande reservatório do qual flui a libido destinada aos objetos e para o qual ela retorna, proveniente dos objetos. A libido objetal foi inicialmente libido do eu e pode ser outra vez convertida em tal.” (FREUD, 1996. p. 131.)

Quando um objeto causa prazer, temos a tendência em aproximá-lo, assim como quando este objeto causa o contrário, desprazer, há a tendência em afastá-lo do eu devido à repulsa que causa ódio pelo objeto, ódio este que, na realidade, tem

origem narcisista e não passa de uma forma de empenho para proteger-se do mundo externo.

Na melancolia, o que acontece é a identificação narcísica do indivíduo com o objeto, ocasionando a perda do eu e toda a recriminação voltada para si. Conseqüentemente, a melancolia toma características emprestadas do luto, como a reação à perda do objeto, mas contém um certo aspecto que o torna diferente e que, se estiver presente no luto, o torna patológico: “A perda de um objeto amoroso constitui excelente oportunidade para que a ambivalência nas relações amorosas se faça efetiva e manifesta” (FREUD, 1996. p. 256), pois, a partir do momento que o luto torna-se patológico, há recriminações contra si mais uma vez, estas sugerem que o sujeito enlutado é culpado pela perda do objeto.

Temos na obra um jovem que pensa possuir a maior dor do mundo: “Algumas vezes, digo a mim mesmo: seu destino é único. Comparados com você, todos os outros são felizes... Nunca um homem foi tão atormentado. [...] Teria havido, antes de mim, alguém tão infeliz quanto eu?” (GOETHE, 2010, p. 117) Werther agora roga para que a sua dor seja cessada através da morte, e pede para que Deus não se zangue pela morte prematura:

“Ó, Pai que não conheço, Pai que outrora preenchia toda a minha alma e agora desvia de mim Sua face, por que não me chama para junto de Si? Não prolongue esse silêncio por mais tempo! Seu silêncio não deterá esta alma sedenta. [...] Não fique zangado se abrevio a peregrinação que, segundo sua vontade, deveria seguir por mais tempo.” (p. 121)

Compreendendo, se o amor pelo objeto cair na identificação narcisista, teremos o ódio que terá uma satisfação sádica no sofrimento que era relacionado ao objeto, mas que acabam por retornar ao próprio eu:

É exclusivamente esse sadismo que soluciona o enigma da tendência ao suicídio, que torna a melancolia tão interessante – e tão perigosa. Tão imenso é o amor de si mesmo do ego (*self-love*), que chegamos a reconhecer como sendo o estado primevo do qual provém a vida instintual, e tão vasta é a quantidade de libido narcisista que vemos liberado no medo surgido de uma ameaça à vida, que não podemos conceber como esse ego consente em sua própria destruição.” (FREUD, 1996. p. 257)

Werther, perdido em seus pensamentos por Lotte e por ciúme de Albert, viajou a serviço, mas logo pediu sua demissão e retornou para perto de sua amada. Agora os dias ao lado de Lotte, que já casou-se com Albert, tornam-se cada vez mais cruéis e o jovem é sucumbido pelo sofrimento da paixão não-correspondida:

Por favor... Veja, estou acabado, não posso suportar mais. [...] Fugi para longe dela, e... Ah! Meu Deus, olhe para o meu sofrimento e coloque um fim nisso.

Como a imagem dela me persegue! Esteja eu acordado ou sonhando, invade toda a minha alma. Aqui, quando fecho os olhos, aqui, atrás de meu rosto, onde se concentra a visão interior, estarão sempre seus olhos negros. Exatamente aqui! Não consigo explicar. Se fecho as pálpebras, eles aí estão; estão diante de mim, em mim, como um abismo; dominam todos os meus sentidos. (GOETHE, 2010, p. 123)

Após vários delírios e até mesmo desejar a morte do casal, sente repulsa por si, decidindo dar fim à própria vida e inicia uma carta de despedida para Lotte:

Está decidido, Lotte, quero morrer, e escrevo isso sem exaltação romântica, tranquilo na manhã do dia em que a verei pela última vez. Quando a ler, minha amada, a fria pedra tumular já terá coberto o inerte corpo do homem antes inquieto, infeliz, que durante os últimos instantes de sua vida não conheceu melhor prazer que o de conversar com você. Passei uma noite horrível e... ao mesmo tempo benéfica; foi ela que fortificou, determinou minha resolução: quero morrer. (GOETHE, 2010. p. 137)

O ego só vai cometer o suicídio se tratar a si como o objeto. Temos a escolha objetual, nos livramos do objeto, mas ele mostrou-se superior ao ego, pois é dominado pelo objeto. Outro fato a ser citado é que a melancolia pode desaparecer após um certo tempo, assim como o luto, sem deixar qualquer rastro. É importante lembrar que: “Se o objeto não possui uma tão grande importância para o ego – importância reforçada por mil elos -, então também sua perda não será suficiente para provocar quer o luto, quer a melancolia.” (FREUD, 1996. p. 261)

O que a melancolia tem a mais que o luto é a ambivalência decorrente da situação complicada que tem com o objeto, resultado ou da relação amorosa formada por um ego particular ou pela ameaça da perda do objeto de amor fazendo com que possíveis consequências da melancolia tenham maior dimensão, sendo Lotte o objeto de Werther, a “perda” da amada resulta num luto que

consequentemente termina em melancolia, devido à identificação narcisista do protagonista.

No dia 20 de dezembro, Werther escreve para Wilhelm agradecendo a sua amizade, pedindo rezas para sua mãe e abençoando o amigo. Foi nesse momento que inicia a carta que deixará para Lotte, a visita pela última vez, pede as pistolas de Albert emprestadas para uma suposta viagem, quem as limpa para a entrega é Lotte. Werther finaliza a carta para a amada acrescentando uma nota:

Tudo está calmo em minha volta e minha alma, tranquila. [...] Pedi a seu pai, em um bilhete, que cuidasse de meu corpo. Há no cemitério duas tílias, no lado que dá para o campo: é ali onde desejo repousar. [...] Bato à porta de bronze da morte com decidida frieza!

Oh! Se eu tivesse a felicidade de morrer por você, Lotte, de me sacrificar por você. Saberá morrer com coragem, com alegria, se pudesse devolver-lhe a paz, a felicidade para sua vida. [...] Lotte, quero que me enterrem com estas roupas: você as tocou, abençoou-as. Também pedi isso a seu pai. Minha alma pairará sobre o caixão: que não me revistem os bolsos. Esse laço de fita cor-de-rosa, que trazia quando a vi pela primeira vez, no meio das crianças...

Oh! Beijei-as mil vezes e conte-lhes a história de seu infeliz amigo! [...] Já estão carregadas... É meia noite: que meu destino se cumpra! Adeus, Lotte! Adeus! (GOETHE, 2010. p. 157-159)

Depois das onze horas, inicia os preparos e a meia noite atira na cabeça, acima do olho direito; supõe-se que cometera o ato sentado em sua escrivaninha. Morreu ao meio dia, foi sepultado às onze horas da noite.

Em *O Diabo* (1916), de Tolstói, o bacharel em Direito Evguêni, apaixonado perdidamente por uma mulher, encontra no ato suicida uma válvula de escape para o sofrimento:

Sorratamente, como um assaltante, ele apanhou às pressas o revólver e o tirou do coldre. “Está carregado, mas faz muito tempo. E falta uma bala. Seja o que Deus quiser.” Encostou o cano na têmpora, teve um início de hesitação, mas bastou lembrar-se de Stepanida, da sua decisão de não voltar a vê-la, da sua luta interior, das tentações, das quedas, e novamente da luta e estremeceu de horror. “Não, prefiro isto.” E apertou o gatilho.⁴

⁴ TOLSTÓI, Liev. *O Diabo*. Coleção 64 páginas. 1 ed. Porto Alegre: L&PM Editores, 2012. P.58.

Tal exacerbação amorosa é o que se vê em Werther e mais, pois não temos aí deixada uma carta de suicídio, de despedida, mas a possibilidade de acompanhar todo o processo de encapsulamento e mergulho na melancolia e na solidão da personagem, até o suicídio de maneira trágica e emblemática, com um tiro no olho. Assim como nos demais grandes heróis românticos, e ainda, como outros tantos da Antiguidade Clássica, Werther também se vê incapacitado de fugir ao seu destino, dada a não realização amorosa. Se não se tem a amada, torna-se melhor morrer.

Após a compreensão da base teórica psicanalítica de Freud que rege o luto, melancolia e narcisismo, responde-se: o suicídio de Werther foi um ato egoísta? Sendo a resposta positiva, a justificativa encontra-se no fato em que Charlotte é o objeto de amor escolhido por Werther que tem sua perda objetual quando encontra Albert, o noivo da amada, e por ele tem respeito. Ainda no primeiro livro, Werther começa a perder-se em ilusões, o que o faz viajar para suportar a circunstância que o impede de realizar o amor. Há ausência de interesse pelo mundo externo e decide enviar uma carta à Lotte:

“Preciso escrever-lhe, minha querida Lotte, do quarto de uma pobre hospedaria campestre, onde me refugiei do mau tempo. No triste lugarejo de D..., convivendo com gente absolutamente estranha a meus sentimentos, não houve um instante, um só, em que meu coração impelisse a escrever-lhe: e agora, nesta choupana, nesta solidão, neste isolamento, enquanto a neve e o granizo açoitam minha janela, foi pra você o meu primeiro pensamento. Logo que entrei, sua imagem, Lotte, fez-se presente e me dominou, tão sagrada, tão viva! Deus do céu, é o primeiro instante de felicidade que volto a ter.

Se me visse, minha amiga, perdido em divagações! Como se vão ressequindo meus sentidos! Em nenhum momento tenho meu coração repleto! Nem uma hora feliz! Nada, nada! [...] À noite, tomo a decisão de ir ver o nascer do sol, mas não saio da cama; durante o dia, planejo gozar o prazer de contemplar a lua cheia, mas permaneço no quarto. Nem sei por que me levanto, ou por que me deito.” (GOETHE, 2010, p. 87)

Nesse trecho, é possível perceber o afastamento da natureza, presente no luto e na melancolia, afastamento também do mundo real, muito marcado pelo sentimento do melancólico que vive por seus pensamentos. Enquanto ainda longe do objeto, continua a troca de correspondências com Lotte, descobrindo que já está casada: “Agora já estão casados [...] Sei que também estou ao lado de vocês; estou,

sem querer magoá-lo, no coração de Lotte, nele tenho, sim, o segundo lugar, e desejo, necessito conservá-lo. Oh! Enlouqueceria se ela me esquecesse...” (GOETHE, 2010, p. 90).

Agora Werther, que já não tinha consciência que Lotte não o pertencia e acredita tê-la perdido, encapsula-se com mais intensidade no segundo livro, deixando marcas de sua mudança: “De súbito, tudo mudou em mim. Às vezes, ainda sinto a vida me iluminar... Ah! Mas é apenas por um momento...” (GOETHE, 2010. p. 102) Em Lotte encontra-se todo o motivo de continuar a viver, desde os seus olhos negros até os momentos em que censura Werther em seus súbitos exageros, cada detalhe da amada não lhe passa em vão.

Por algum momento, passa na mente de Werther a ideia de tirar a vida de Albert ou mesmo de Lotte, porém percebe a loucura de seus pensamentos. Este é o momento mais propício para que seja notável que toda a ameaça que ousava “retirar” a amada da vida de Werther, volta-se contra si, o que fará com que o protagonista agora trate-se como objeto, ou seja, o amor/ódio encontra-se no ego, pois a escolha objetual foi narcisista e o objeto superou a capacidade do ego:

“Caro Wilhelm, encontro-me na situação daqueles infelizes que se acham possuídos por um espírito maligno. É algo que me acontece às vezes: não se trata de angústia, nem de desejo... É um tumulto interior, desconhecido, que ameaça dilacerar-me o peito e me aperta a garganta.” (GOETHE, 2010. p. 130)

Na obra temos o suicídio como um ato egoísta devido a toda a libido investida no objeto escolhido ter voltado para o ego. A felicidade agora parece distante, só a morte vai livrar a dor que é viver sem Lotte. Como se vê, seguindo o padrão dos grandes romances criados no Romantismo, a idealização faz com que a morte seja encoberta por um manto de lirismo, de beleza, já que amor e morte caminham juntos, entrelaçam-se.

Nas palavras de Camus (2004, p. 20): “todos os homens sadios já pensaram no seu próprio suicídio alguma vez”. Assim como toda a sorte de sentimentos, o suicídio também é tema da literatura, a qual, como arte da palavra, expressa os

sentimentos humanos. O suicídio e a palavra caminham juntos, partindo tanto do desabafo quanto da reflexão da personagem.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho tratou de compreender as significações do ato suicida do protagonista na obra de Goethe “*Os sofrimentos do jovem Werther*”, por meio dos estudos teóricos de Freud em “*Introdução ao narcisismo*” e “*Luto e melancolia*”. Através das pesquisas bibliográficas realizadas, foi possível validar a ideia de que Werther sofreu a perda que acarretou na melancolia, uma doença que nasce do narcisismo secundário, quando há o retorno de investimentos aos objetos externos para o próprio eu. A exacerbação de sentimentalismo e paixão de Werther por Lotte encapsula o protagonista e acaba por transformá-lo em objeto, torturando-o até o momento do suicídio, quando já se torna insuportável conviver com a ideia de que a amada não lhe pertence.

É notável a tendência à autodestruição desde o início da obra e a desconstrução do seu eu pelo isolamento social e entrega absoluta à paixão. Ademais, o contexto vivenciado pela sociedade na época e a quebra de moldes clássicos estão presentes na revolta e sentimentalismo da obra, pertencente ao movimento *Sturm und Drang*.

Espera-se que este artigo influencie outros autores a tratar da análise do suicídio em obras literárias, tema tão comum da modernidade, a fim de compreender com maior propriedade o desfazimento do eu como um reflexo profundo da “dor de existir” tão característica não somente do Romantismo do século XIX, mas de toda uma geração de autores cuja sensibilidade exacerbou o próprio ser.

REFERÊNCIAS

AGAMBEM, Giorgio. *A linguagem e a morte: um seminário sobre o lugar da negatividade*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

AGAMBEM, Giorgio. **Estâncias**. *A palavra e o fantasma na cultura ocidental*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

BARROS, José D’Assunção. **O Campo da História**. Petrópolis: Editora Vozes, 2004.

- BAYARD, Jean-Pierre. **História das Lendas**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1957.
- BEDIER, Joseph; COSTA, Luis Claudio de Castro E. **Tristão e Iseu**. Trad Afrânio Peixoto. Rio de Janeiro: Jackson, 1947
- BENEDETTO, Antonio Di. **Os suicidas**. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2005.
- BLOCH, Howard R. **Misoginia Medieval: e a invenção do amor romântico ocidental**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.
- BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia Grega**, vol. 3 Petrópolis: Vozes, 1993.
- BURTON, Robert. **Anatomia da melancolia**. Vol. 1. Curitiba: Editora da Universidade Federal do Paraná, 2012.
- CAMON, Valdemar Augusto Angerami. **Solidão: a ausência do outro**. 2. ed. São Paulo: Editora Pioneira, 1992.
- CAMUS, Albert. **O mito de Sísifo**. Tradução de Ari Roitman e Paulina Watch. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- CÂNDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade: estudos de teoria e história literária**. 7. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1985.
- CAPELÃO, André. **Tratado do Amor Cortês**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2000.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números**. Coordenação Carlos Sussekind. Tradução de Vera da Costa e Silva et al. 14ª Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999.
- CARPEAUX, Oto Maria. **História da Literatura Ocidental**. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1966.
- CASSIRER, Ernst. **Linguagem e mito**. Tradução J. Guinsburg, Miriam Schnaiderman. São Paulo : Perspectiva, 2009.
- CASSORLA, Roosevelt Moises Smeke. **O que é suicídio?** São Paulo: Nacional, 1973.
- COSTA, Jurandir Freire. **Sem Fraude nem favor: estudos sobre o amor romântico**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1998.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro, Editora Zahar, 2001.
- BYRON, George Gordon. **Poesia de Lorde Byron**. São Paulo: Art Editora, 1989.
- DELEUZE, Gilles. **Empirismo e subjetividade: ensaio sobre a natureza humana segundo Hume**. São Paulo: Editora 34, 2001.

D'ONÓFRIO, Salvatore. **Literatura Ocidental: autores e obras fundamentais.** São Paulo: Ática, 1990.

DURKHEIM, Émile. **O Suicídio.** São Paulo: Martins Fontes, 2000.

FEIJÓ, Martin Cezar. **O que é herói?** São Paulo: Brasiliense, 1984.

FISCHER, Ernst. **A necessidade da arte.** 9. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 1983.

FREITAG, Bárbara. **A teoria crítica: ontem e hoje.** São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.

FREUD, Sigmund. **Luto e melancolia**, 1917 [1915]. In: _____. A história do movimento psicanalítico. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 243-263. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 14).

FREUD, Sigmund. **Sobre o narcisismo: uma introdução**, 1914. In: _____. A história do movimento psicanalítico. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 75-109. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 14).

FREUD, Sigmund. Conferência XXVI: **A teoria da libido e o narcisismo**, 1917. In: _____. Conferências introdutórias sobre psicanálise (continuação). Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 413-431. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 16).

GOETHE, Johann Wolfgang von. **Fausto: uma tragédia (primeira parte).** São Paulo: Editora 34, 2004.

GOETHE, Johann Wolfgang von. **Fausto: uma tragédia (segunda parte).** São Paulo: Editora 34, 2007.

GOETHE, Johann Wolfgang von. **Os sofrimentos do jovem Werther.** São Paulo: Editora Abril, 2010.

GOMES, Álvaro Cardoso; VECHI, Carlos Alberto. **A Estética Romântica: Textos comentados.** São Paulo: Editora Atlas, 1992.

HOLANDA, Aurélio Buarque de. **O novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa.** São Paulo: Editora Positivo, 2004.

JAMESON, Fredric. **Pós-Modernismo** A lógica cultural do capitalismo tardio. 2 ed. São Paulo: Ática, 2006.

JUNG, Carl Gustav. **O Homem e seus Símbolos.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.

KALINA, Eduardo; KOVADLOFF, Santiago. **As cerimônias da destruição.** Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves, 1983.

KOTHE. Flávio René. **O Herói.** São Paulo: Ática, 1985.

LEJARRAGA, Ana Lila. **Paixão e ternura, um estudo sobre a noção de amor na obra freudiana.** Rio de Janeiro: Rekume-Dumará, 2002.



Unahce
Unidade Acadêmica
de Humanidades,
Ciências e Educação



Criar Educação, Criciúma, v. 12, nº2, ago/dez 2023.– PPGE – UNESC – ISSN 2317-2452

LIMA, José Rosamilton; SANTOS, Ivanaldo Oliveira. A TRILHA DO HERÓI: DA ANTIGUIDADE À MODERNIDADE. **Revista dEsEnrEdoS**, Piauí, v. 3, n. 9, 2011.

MACIEL, Maria Eunice. Procurando o imaginário social. In: FÉLIX, Loiva Otero; ELMIR, Cláudio P. **Mitos e Heróis: Construção de Imaginários**. Porto Alegre: UFRGS, 1998.

MACHADO, Luís Toledo. **O herói, o mito e a epopéia**. São Paulo: Alba, 1962.

MOISÉS, Massaud. **História da Literatura Brasileira: Romantismo**. São Paulo: Editora Cultrix, 1985.

NIETZSCHE, Friedrich. **O Nascimento da Tragédia: ou helenismo e pessimismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

QUINTEIRO, Sílvia. O HERÓI (E O) ABJECTO. **Revista ESGHT**. Faro, Portugal, v. 13, p. 28-33, 2005.

ROSENFELD, Kathrin Holzermayr. **Figuras do amor medieval**. In: COORDENAÇÃO DO LIVRO E LITERATURA DA SECRETARIA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE. *O amor na Literatura*. Porto Alegre: UFRGS, 1992.

ROUGEMONT, Denis de. **O Amor no ocidente**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1988.

SANTO, Luísa Cavalheiro do Espírito. Tristão: um herói romântico? **Revista do Corpo Discente de Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS**, Rio Grande do Sul, v. 2, n. 2, 2009.

TOLSTÓI, Liev. **O Diabo**. Coleção 64 páginas. 1 ed. Porto Alegre: L&PM Editores, 2012.

VIEIRA, João Batista. O herói romântico. **Revista do Centro de Estudos Portugueses**, v. 5, n. 10, 1983.

VILA-MATAS, Enrique. **Suicídios exemplares**. Tradução de Carla Branco. São Paulo: Cosacnaify, 2009.

Recebido julho 2019.

Aprovado maio 2023.